

Quanto à importância do desenvolvimento motor da criança pequena: consideração específica sobre a época do engatinhar¹²

On the importance of the motor development of the young child: specific consideration of the crawling stage

Anna Kattrin Kemper*

Resumo

A autora dá primordial importância à fase do engatinhar, iniciando-se pela afirmação da entidade mãe-criança, que é óbvia desde o estado pré-natal, afora o aspecto fisiológico. Refere-se às situações mãe-criança, desde este tempo, acentuando o simultâneo desenvolvimento motor da criança e enfatizando a fase do engatinhar, imaginada como a época da concretização da vontade de aproximar-se e de enfrentar-se com o mundo ambiental. Compara as experiências da criança nesta fase com a capacidade do adulto de conquistar o mundo, e que, de maneira simbólica, são descritas como vivências do anão perante o gigante (adulto). Nas “palavras finais” faz menção de concepções da psicanálise moderna em comparação às desenvolvidas no presente trabalho, onde encontra plena concordância no material clínico apresentado. Termina enfocando que a fase do engatinhar é decisiva para a expansão da criança pequena, o que ilustra um aspecto do tema do congresso, o **ad-gredi** como aproximação e busca.

Palavras-chave: Desenvolvimento motor. Fase do engatinhar. Relação mãe-filho.

Abstract

The author emphasizes the great importance of the crawling stage, by taking for granted the mother-child entity, which is obvious since the prenatal period, besides the physiological aspect. She makes reference to the mother-child situations starting from this period, stressing the child's simultaneous motor development and giving emphasis to the crawling stage, which is regarded as the time when the child's longing for closeness gets stronger and he is willing to face the world surround-

1. Refiro-me em seguida a concepções até agora não publicadas, mas comunicadas e ensinadas em seminários didáticos desde 1956 e expostas no manuscrito “Fatores estruturantes da primeira Infância”. No presente trabalho o sinal (0) refere ao manuscrito citado constante da bibliografia.

2. Trabalho apresentado no 11º Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Rio de Janeiro, novembro, 1973.

* Direção do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, Guanabara. Com a colaboração de Giovanni Gangemi.

*ding him. She compares the child's experiences of this stage with the adult's capacity of mastering the world; such experiences, in a symbolic way, resemble those of a dwarf before a giant (adult). In the "final words", she mentions some of the concepts of modern Psychoanalysis, as compared to those stated in her paper; the clinical material presented is fully met by the author's approaches. She ends by saying that the crawling stage plays a decisive role in the development of the child; such a statement depicts one side of the theme presented in the Congress, that is, the **ad-gredi** as a means of closeness and search for contact.*

Keywords: Motor development. Crawling phase. Mother-child relationship.

“Qual o animal que pela manhã, tem quatro pés, ao meio dia, dois pés e três pés ao anoitecer? E quanto maior o número de pés, mais fraco é?”

Resposta de Édipo: “É o homem, que na infância, engatinha, na idade adulta anda com dois pés e, quando velho, precisa de uma bengala para se apoiar” (1)

O presente trabalho se baseia, principalmente, na concepção de que existe uma entidade mãe-criança que leva ou não, a criança para se aproximar, conquistar e possuir o primeiro objeto e assim, mais tarde, da mesma maneira, para enfrentar-se nas situações bi, tri e multipessoais, quer dizer, no mundo ambiental. Isto se evidencia, para o futuro desenvolvimento da criança, como de decisiva importância.

A situação bipessoal (entidade criança-mãe) existe afora o aspecto fisiológico, já no estado pré-natal e se manifesta de maneira óbvia a partir do nascimento (0) (2). Em outras palavras: na situação intrauterina já se forma, entre mãe e filho, algo em comum que se transformará a partir do nascimento numa mais concreta fusão psicofísica.

As primeiras semanas da vida da criança correspondem, em função de seu desenvolvimento motor, mais a um estado vegetativo no qual ela, por causa da falta da capacidade motora coordenada, se imagina e se sente numa dependência absoluta da mãe, ou substituta (10). Considerando isto, devemos ter em vista que o contato epidérmico se destaca, por causa da prevalente passividade da criança no referido estado, como tendo a mesma importância que o contato oral (4). A busca do objeto oral, seio materno ou mamadeira, corresponde, porém, já a uma intenção motora dirigida, enquanto o contato epidérmico se estabelece em suas origens pelas mãos e pele da mãe, como continuação do contato intrauterino.

A criança pequena percebe, em geral, a partir da oitava semana de vida o que se evidencia, principalmente através de sua capacidade motora coordenada, como, por exemplo, ao pegar intencionalmente um objeto, virar-se no berço, não só por acaso, mas, ao mesmo tempo tomando conhecimento de que ela sabe fazer algo. O sentimento da capacidade própria, mesmo difusamente vivenciado, representa para a criança de semanas, um acontecimento de valor decisivo (0).

A descoberta da capacidade própria se intensifica no decorrer do terceiro ao quinto mês, através da percepção e do início do domínio dos esfíncteres, correspondendo a mais e mais afirmação. Sabemos, pelas experiências clíni-

cas, especialmente, pelas determinações primárias de enurese e encoprese, que a negação do domínio dos esfíncteres está a serviço da vingança ou, então, se evidencia, muitas vezes, em estado de regressões profundas, nas quais as relações objetais fracassaram, apagaram-se.

A capacidade motora no sentido de vontade própria se evidencia de maneira óbvia no estado pré-verbal da criança, no qual, pelos gestos de expressão “sim” e “não”, comunicados pelo movimento da cabeça, a criança mostra que quer ou que não quer (5). Considerando a concepção de Hartmann, de que existe um núcleo do Ego de caráter hereditário (6), bem como outras pesquisas feitas por outros autores sobre o desenvolvimento do Ego (7), leva-nos a inferir que, tanto a conquista do próprio corpo, como outras capacidades motoras contribuem de maneira decisiva para o desenvolvimento do Ego. A forma do presente trabalho não permite outros pormenores, como seja, sobre a vontade própria da criança – que evidencia o desenvolvimento motor – como por exemplo a capacidade de sentar-se ou levantar-se.

Tendo em vista o simultâneo desenvolvimento do Ego, queremos acentuar aqui, devido ao nosso objetivo, as possíveis imagens, sensações e vivências da criança pequena em torno da fase do engatinhar. Nesta fase, a partir do sexto ou sétimo mês, o desenvolvimento motor alcança, para a maneira de vivenciar da criança, um dos pontos máximos de satisfação. Ela toma conhecimento do chão, com a própria força, tanto no sentido concreto como no figurado, fato que se deixa imaginar como época da concretização da vontade de aproximar-se e de enfrentar-se com o mundo ambiental, completamente diferente de até então. Até esta época, a criança em sua posição extremamente limitada, devido à sua capacidade psicofísica (por exemplo, ficar no berço ou no colo), vivenciava sua existência apenas numa dependência absoluta (7); como também, sentia-se prevalentemente submissa a quase tudo que fazia parte do mundo externo. Ao tomar conhecimento do chão fundo, largo e firme, em comparação ao espaço anterior muito limitado, a criança se movimentava, engatinhando para algo até então desconhecido. É uma posição que abre para a criança perspectivas anteriormente desconhecidas, que normalmente a levam, em comparação a seus limites intensos das fases anteriores, para imagens, sensações e vivências de caráter eufórico. Para entender o que se passa no desenvolvimento da criança pequena, nesta época, precisamos considerar sua posição inferior se comparada a outras espécies de mamíferos superiores, como por exemplo, potros e bezerras (8).

Neste sentido, precisamos considerar que o ser humano, para desenvolver sua futura função – de estar em relação com os outros – afora sua disposição

de ser intencionalmente exposto (9) no mundo, necessita, segundo o princípio da horda a partir de sua primeira posição de *ad-gredi* (Vitimização agressiva) concreto, de uma determinada *curiosidade* que o leva, inicialmente de maneira difusa, para querer saber o que existe a seu alcance, especialmente com referência a seu encontro com o primeiro objeto (mãe). As experiências da criança pequena feitas durante seu desenvolvimento motor, segundo minha opinião, adquiridas, principalmente, na fase do engatinhar, se ligam, quando comparadas com a capacidade do adulto de conquistar o mundo, a percepções que podemos descrever, de maneira simbólica, como vivências de *anão* perante o adulto *gigante* (0).

As duas situações seguintes podem exemplificar tais vivências:

a) Imaginemos uma criança que, na penumbra do crepúsculo, engatinha, experimentando sensação de pleno poder por movimentar-se, com a própria força, em direção a uma lata que brilha e reluz, intensamente. Quando perto e a ponto de pegá-la, com intensa felicidade, entra um adulto que, com um simples toque de dedos, consegue acender a luz, “apanhando” o brilho da lata. Então, a criança poderá sentir a superioridade do adulto de maneira aniquilante. Não há dúvida de que, conseqüentemente acabaram de maneira rápida as sensações eufóricas e maníacas da criança com relação à conquista pela sua capacidade motora, modificando em sensações e imagens do contrário, isto quer dizer num sentimento de inferioridade, como de um anão perante um gigante. Não hesitamos em afirmar que as referidas sensações, imagens e vivências se refletem, de maneira marcante, no desenvolvimento do Ego da criança, nesta época.

Acho que o segundo exemplo poderá ilustrar também as mencionadas concepções em sua significação e diferentes aspectos.

b) Uma criança engatinha em direção ao pai, já confiante em seus pés que começam a conquistar o chão. Ao tocar os pés do pai, os sapatos deste a impressionam como algo gigantesco se comparados aos seus próprios pezinhos, calçados por sapatinhos de lã ou couro frágil. Assim, poderá imaginar os grandes sapatos do pai como um barco diante dos dela, como uma casca de ovo (0).

Podemos supor que, a criança ao engatinhar, conquista o mundo ambiental de uma forma superior, ou seja, mais consciente do que antes, fato que se reflete em suas vivências egoicas de tal maneira afirmativo como nunca antes. Ao mesmo tempo que ocorre esta expansão fora do comum, “a criança-anão”

não escapa de comparar suas capacidades com as capacidades do adulto, imaginado como gigante, sofrendo assim, conseqüentemente, sensações de inferioridade extrema. Penso que, a criança perante estas perspectivas de enorme desigualdade desenvolve, nesta época, normalmente e, como única saída desta situação precária e, às vezes insuportavelmente sufocante, uma defesa maníaca de caráter onipotente, graças à qual consegue imaginar-se superior ao adulto (0), a menos que não sofra grave depressão.

Manifestações desta forma de elaboração observamos, tanto em imagens, sonhos e desenhos de crianças, como, também, em casos de defesa maníaca, em adultos. Exemplos extremos se evidenciam tanto em casos de mania de grandeza, como também nos de crianças que se submetem, muitas vezes, à mesma defesa. Isto em função da necessidade psicofísica de negar suas insuportáveis incapacidades, experimentadas de maneira especial, naquela época. Encontramos, por exemplo, em psicóticos devido à identificação projetiva (10) que se imaginam como figuras de altos poderes, (por exemplo, como Napoleão, César, Cristo, etc.). A mesma tendência, em função de sua determinação primária, podemos observar em casos de crianças que necessitam fabular, como se fossem capazes de, por exemplo, voar acima das nuvens ou montar em elefantes brancos e cavalos azuis. Estas imagens, correspondendo a uma tentativa de elaboração do “insuportável” estão, muitas vezes, a serviço de evitar o aniquilamento do Ego. Em outras palavras, como a defesa maníaca ocorre durante o processo analítico, por causa do desânimo depressivo, vivenciado como insuportável, podemos imaginar que, as manifestações de mania de grandeza, em casos de adultos e, as fabulações nos de crianças, correspondem a tentativas para impedir a desagregação do Ego (12).

Sou de parecer que, nos casos referidos, o indivíduo reprime a curiosidade (*Neugierde*) – ou seja, reprime a avidez ou a voracidade para “o novo”, porque “o novo” provoca angústia por ser desconhecido e imensamente temido (7). A curiosidade representa, na infância, uma intenção no sentido de querer saber o que existe de “real” no mundo ambiental, na disposição de conquistá-lo; ao contrário das imagens e das reações maníacas e, de mania de grandeza, que se focalizam no “irreal”, isto quer dizer, estão a serviço da negação do “real”.

Durante muito tempo, mantive tais concepções em observação, na expectativa de manifestações mais concretas. Pude, então, observar o que se segue como material clínico:

Uma mãe, apesar de sua superpreocupação, demonstrava de maneira afirmativa sua disposição para a maternidade, dando à luz em condições normais, a uma criança cada dois anos, aproximadamente. O primeiro filho foi prema-

turo, tendo nascido no fim do 7º mês de gestação. A intensa dedicação da mãe, acompanhada por um bom pediatra, possibilitou superar, relativamente bem o período de incubadora, que se prolongou durante seis semanas. De acordo com as comunicações da mãe, a criança se desenvolvera de maneira normal a partir do 5º mês. Constatei, porém, que se tratava de uma ilusão. De fato, conforme informou a mãe, por angústia de que a criança se contaminasse, ela limitava sua expansão, seu contato com o chão e a conquista do espaço, não deixando a criança engatinhar. O nascimento prematuro e a necessidade de incubadora preocupavam-na muito, chegando ao ponto de colocar a criança num engradado forrado com cobertores esterilizados. O resultado foi a capitulação da criança: após protestar um pouco, ficava deitada de maneira passiva, levantando-se apenas por curto tempo e encostando-se nas grades com um olhar saudosos e triste. Desde pequena, a menina já manifestava reações fóbicas perante objetos e lugares desconhecidos. Isto se evidenciava ainda aos doze anos, época da consulta, por reações claustrofóbicas, especialmente, acentuadas em elevadores.

Em virtude de minhas experiências, considero que a determinação principal da intensa angústia perante o “desconhecido” – manifestada, por exemplo, no espaço, tanto concreto como imaginário, como no caso das reações fóbicas – constitui-se numa tentativa de focalizar ou simbolizar o que é imaginado como insuportavelmente vago (0).

Em minhas observações, tanto em casos de adultos como nos de crianças, evidenciou-se repetidamente que o ser humano se exprime de modo mais sentido e mais profundo através de símbolos, manifestados em imagens oníricas e angústias de aparência absurda, reações obsessivas e paranoides, do que através de comunicações verbalizadas em forma lógico-descritiva, as quais são, em grande parte, produtos de defesa por intelectualização (11).

O símbolo, o pormenor representativo para o completo, se manifestou, por exemplo, de maneira nítida, num caso de uma menina de cinco anos e meio. Ela apresentava, além de reações fóbicas, diante de cachorros e de escuridão, uma inveja do pênis provocada, principalmente, pela atitude da mãe para com os dois irmãos mais novos.

Duas categorias de problemas se revelaram no decurso da terapia, através de diversas imagens em torno de uma grande girafa. O que a girafa simbolizava, ora no plano arcaico, ora no plano edípico, mobilizava angústias intensas. Durante a primeira parte da terapia a girafa despertava imagens e vivências relativas à perspectiva “anão-gigante” (0), através das quais a paciente mostrava temer a girafa, que simbolizava a mãe, sentida como controladora e onipotente.

O início da melhora decisiva revelou-se quando a paciente imaginou, diversas vezes, que montava sobre a girafa de tal modo que, abaixando com o seu peso o pescoço e a cabeça da mesma, impedia-a de ver o que se passava. Estas imagens e vivências evidenciavam como a própria curiosidade desenvolvida ficava bloqueada pela perspectiva “anão-gigante”, especialmente durante a fase do engatinhar e mostravam, por outro lado, como as reações para com a girafa eram modificadas no processo terapêutico, graças à defesa maníaca (12).

A inveja e o ódio do pênis, simbolizados pelo pescoço grande da girafa, se evidenciaram pouco depois, quando a paciente desenvolvia uma imagem intensamente vivenciada, na qual ela cortava em pedaços, com uma faca grande, o pescoço da girafa, gritando: “ela vai ver, ela vai ver”. Tudo isto expressado com bastante raiva. Depois destas reações repetidas, por diversas vezes, a paciente avisou sua entrada na situação edípica através da representação simbólica, como ação terapêutica, quando aproximou uma cabritinha branca de um “cavalo-nobre”, como ela dizia, e jogando a girafa fora de alcance, no cesto de papéis.

Não resta dúvida, como este caso, revela, de que o ódio e a consequente culpa, de caráter arcaicos, limitam, de maneira sensível, a curiosidade de expandir-se no mundo, o que me foi possível focalizar, graças às minhas longas experiências clínicas, verificadas, principalmente, durante a *fase do engatinhar*.

Estas concepções se revelam de maneira mais óbvia e extensiva, no seguinte material clínico: O paciente procurou análise aos 24 anos, em virtude de sua constante e crescente angústia, e vagos impulsos suicidas que o tinham levado a duas tentativas, e a sensações de ser condenado à exclusão do mundo, do qual se sentia marginalizado. Durante o tratamento analítico evidenciaram-se várias situações: o paciente tentava entrar em contato com outras pessoas, já que não suportava ficar só mas, diante delas reagia representando – às vezes, conscientemente – bancando o “audaz” e “alegre” e, observava-se a si mesmo, enquanto agia, como se fosse um autômato. Um intenso desânimo o impedia de começar quaisquer tarefas. Quando conseguia alguma, sobrevinha-lhe angústia, crescia-lhe desânimo e, geralmente, a abandonava, após sentir-se duramente exigido. Atinha-se apenas à rotina que se impunha para sobreviver. Considerava-se um blefe. Suas poucas realizações não lhe satisfaziam mesmo quando aprovadas por outrem, deixando-o com a sensação de “flutuar no vazio”. Extremamente tímido e inibido, fugia de contatos afetivos mais profundos. Até aos 22 anos nunca tinha namorado, sempre achava que suas declarações seriam ridicularizadas. Achava-se “retardado”, burro, destinado à pobreza, à solidão e ao fracasso.

Em situações que lhe provocavam raiva, raramente a manifestava, ficando inibido e sentindo-se covarde. Quando, em situações extremas, reagia explodindo, seguia-se intenso sentimento de culpa.

Desde criança tinha pesadelos frequentes, nos quais se sentia esmagado por algo que crescia, assustadoramente, o que perdurava alguns minutos após acordar.

No entanto, o paciente era pessoa sobremaneira sensível e inteligente, bom conhecedor de artes – que apreciava profundamente sem, porém, conseguir se dedicar produtivamente a algum aprendizado. Conseguira cursar e formar-se em arquitetura, mas era-lhe quase impossível aprofundar-se em estudos que, certamente, o teriam elevado profissionalmente, já que era bastante bem dotado.

Durante o tratamento (por volta do 5º ano), o paciente apresentou, entretanto, grandes melhoras: desapareceram os pesadelos, os impulsos suicidas, diminuíram a angústia e as fobias. Passou a relacionar-se mais intimamente e deixou de se sentir marginalizado, chegando a se casar sendo, atualmente, pai de dois filhos.

Entretanto, não se constatava uma melhora equivalente quanto ao pragmatismo e à confiança nas próprias capacidades. Persistia, ainda, em reagir com certo desânimo e angústia diante de atividades que desejaria realizar ou completar. Nem sempre conseguia tomar as iniciativas necessárias, mesmo quando se julgava capaz e sabia que delas lhe adviria grande satisfação.

Este estado de relativa passividade neurótica perdurava, estranhamente, em consideração à melhora nos outros setores. O trabalho de análise centrou-se praticamente neste campo. Neste período, teve um sonho de decisiva importância para a referida época, que o angustiou e o impressionou acentuadamente: descia por um elevador, abaixo do solo e, ao sair, encontrava-se, de noite, numa pequena rua ladeada por casebres, habitados por famílias pobres, doentes e débeis mentais. Angustiado, caminhou pela viela e esta se bifurcava. Tomou a direita e chegou até o fim, onde desceu por uma escada que levava ao porão de uma casa. Nela, estavam feras, leões e tigres. Um janelas com grades, na parede oposta à da entrada, impediam a passagem para uma rua livre, iluminada pela luz do dia. Voltou, então, e tomou a esquerda da bifurcação, encontrando-se, de novo, na mesma situação: havia feras e grades entre ele e a liberdade. Desesperado já, tentou voltar para o primeiro caminho, mas lá, onde antes se bifurcava, estava agora fechado por um casebre, de cuja porta aberta uma mulher e uma criança olhavam-no com expressões loucas e “retardadas”. Neste momento, o paciente acordou angustiado.

O sonho manifesta a posição da vivência inconsciente do paciente: na busca do caminho da expansão libertadora, sentindo-se identificado com as feras e temendo demais o ódio arcaico, prende-se atrás de grades. Quebrá-las corresponderia a libertar suas pulsões ferozes e destrutivas. Por outro lado, não consegue mais adotar a defesa de “retardado” à qual, até então, frequentemente, recorria para retrair-se. De fato, ao voltar atrás assusta-se ao se defrontar com a mulher e a criança “retardadas”.

Neste mesmo período, o paciente conversou com a mãe sobre sua primeira infância. Ela lhe disse, entre outras coisas, que não conseguira nunca deixá-lo engatinhar, ficando muito angustiada ao vê-lo no chão. Temia que ele ingerisse sujeiras, se ferisse ou se contagiasse com micróbios. Sempre que surpreendia o filho fora do cercadinho, reagia assustada, ansiosa, tirava-o do chão e o entregava a uma babá para que o segurasse e o acalmasse, uma vez que ele gritava enraivecido. A babá era “retardada” mental, mas muito afeiçoada ao bebê. Costumava cantar para ele. O paciente, de bom ouvido musical, lembrou-se deste fato muito emocionado. Manifesta-se aqui, uma identificação remota na qual o “cantar juntos” se evidencia ser um símbolo como uma faca de dois gumes. De um lado a babá era a figura com quem o paciente tinha algo em comum (comunicação emocional), por outro, ela era uma débil mental com a qual ele se identificava de maneira fora do comum (defesa).

Tal informação produziu no processo de elaboração intenso *insight* no paciente, que logo se lembrou do sonho, relacionando-o ao que acabara de saber e que ficou então, mais bem compreendido: sentia a expansão como intensamente perigosa em consequência, especialmente, da atitude fóbica e angustiada da mãe, que o levava para reações paralisantes, bloqueando seu desenvolvimento e condicionando seu profundo e crônico desânimo. A forte frustração experimentada na referida época, provocava-lhe intenso ódio que acentuava a imagem de que poderia reagir como perigoso, feroz e destrutivo, obrigando-o então a reprimir e inibir sua agressividade, recorrendo à defesa de ser o “retardado” como a babá.

A partir desta descoberta, o paciente começou a apresentar melhoras gradativas e consideráveis, incluindo o setor profissional em especial e, as realizações pragmáticas em geral, agora sentidas não mais como tarefas pesadas e superexigidas, mas já como fonte de satisfação e forma essencial de uma existência construtiva, ainda que implicando em esforços ou, às vezes, sacrifícios.

O estado atual do paciente se reflete numa frase de uma carta que escreveu, ultimamente, a um amigo: “O ser humano necessita expandir-se, livremente... para tomar contato... para conquistar... para amar e ser amado... para viver...”

Palavras finais

A análise clássica se dedica, ainda hoje, e devido a Freud, centralmente à situação edípica. Encontrei, por exemplo, num relatório principal (13) do Congresso de Psicanálise em Viena, 1971, a seguinte concepção sobre a determinação da agressão, defendendo a focalização edípica: “Afinal não podemos esquecer que foi Laio a entregar o filho aos pastores” (não considerando que Édipo estava com os pés amarrados e que a mãe concordara com a exposição às feras e à solidão mortal).

Não há dúvida de que as concepções da psicanálise moderna, a partir por exemplo, de S. Ferenczi, com suas contribuições para o procedimento terapêutico (14), de O. Rank (15), a quem já se referiu num rodapé da história do “Pequeno Hans”, acentuadas e reformuladas pelos psicanalistas modernos (Melanie Klein (16), H. Schultz Henke (17), D.W. Winnicott (18), R.A. Spitz (19), S. Nacht (20), etc.), evidenciam-se a meu ver, progressivamente, em mais importantes e decisivas para conclusões sobre o desenvolvimento patológico do ser humano.

As concepções desenvolvidas no presente trabalho encontram, no material clínico apresentado, plena concordância. Este fato se evidencia, a meu ver, mais e mais convincente para conclusões novas dentro da psicanálise. Elas revelam que não se trata apenas de hipóteses, uma vez que confirmam os fatos imaginados. Podemos observar, como as experiências na clínica psicanalítica da época moderna evidenciam, muito mais, a importância da *situação bipessoal*, a pré-histórica arcaica, quer dizer, a da criança pequena para com seu primeiro objeto (mãe ou figura substituta), do que as situações tri e multipessoais do ser humano.

O presente tema revela a importância decisiva da dependência total da criança pequena, descrita de maneira especial por Fairbairn (7). Acho que esta dependência e a busca do objeto primário se evidenciam de maneira mais óbvia, do que qualquer outro estado de desenvolvimento infantil, através do desenvolvimento motor. Podemos dizer que este fato corresponde mais a uma necessidade de sobrevivência do que a uma urgência libidinal no sentido restrito de Freud. Poderíamos explorar mais o fenômeno da curiosidade que leva a criança pequena para expansões motoras, tanto no sentido de querer saber o que existe em seu ambiente, como no de imaginar, mais tarde, de maneira contemplativa o que existe no mundo. Valeria, também a pena pesquisar a relação existente entre a confiança inaugural (22) e a curiosidade. Poderíamos nos referir, nas presentes concepções, ao aspecto de que a criança pequena

busca o objeto, do qual Husserl (23) fala no sentido da intencionalidade, quer dizer, da necessidade psicofísica segundo o qual o ser humano, desde o início de sua vida, se intenciona, se aproxima daquilo que garante seu contato, sua existência. Pretendo apenas focalizar, em virtude dos limites do presente trabalho que, a meu ver, a busca do objeto, a busca do outro existe como necessidade de “ser” e “estar” com o “outro” (21).

Sob este aspecto podemos dizer que, a curiosidade representa fator decisivo para a expansão da criança pequena na fase do “engatinhar” o que ilustra de maneira especial um aspecto do tema do presente congresso, o “ad-gredi” como aproximação e busca do contato.

Referências

0. KEMPER, A. K. *Fatores estruturantes da Primeira Infância*. Notas de Seminários (não publicados), 1956-1973.
1. HOMERO. *Gran Enciclopedia Del Mundo*.
2. RASKOVSKI, A. “*El Psiquismo Fetal*” Editorial Paidós. Buenos Aires.
3. GRABER, G.H. *Elnheit und Zwiespalt der Seele* (Entidade e divisão da alma): Hans Huber; Berne. 1945.
4. KEMPER, A. K. El Significado del Contato Epidermico en Relación con el Primer Objeto. *Rev. Uruguay de Psicoanálisis*, VIII, 3, 1966.
5. SPITZ, R. *No and yes*. International Universities Press. Inc. New York. 1957.
6. HARTMANN, H. *Ego Psychology and the Problem of Adaptation*. International Universities Press, Inc., New York. 1958.
7. FAIRBAIRN, W.R.D. *Psychoanalytic Studies of The Personality*. Tavistock Publications. Londres. 1952.
8. PORTMANN, citado por Gehlen, A. In: *Der Mensch, Seine Natur und Seine Stellung in der Welt* (O Homem, sua Natureza e sua Posição no Mundo). Junker und Durrhaupt. Berlin. 1940.
9. FREUD, S. - *Psicologia das Massas e Análise do Ego*. S.E. Vol. XVIII. The Hogarth Press. Londres. 1955.
10. KLEIN, M. *Contributions to Psychoanalysis* - The Hogarth Press, Londres.
11. KEMPER, A. K. A Interpretação por Alusão - *Rev. Française de Psychanalyse*. XXIX. 1965. Estudos de Psicanálise, 3, 1970.

12. KEMPER, A. K. Quanto à Idealização sua Determinação Primária. *Estudos de Psicanálise*, 5, 1971.
13. RANGEL, L. *Psyche*, 1972.
14. FERENCZI, S. *Jahrbuch Fur Psicanalyse*, (Anuário de Psicanálise). Deutliche Verlag, 1920.
15. RANK, O. *The Trauma of Birth*. Harcourt Brace. New York, 1929.
16. KLEIN, M. *New Directions In Psychoanalysis*. Tavistock. Londres. 1955.
17. SCHULTZ-HENCKE, H. - *Der Gehemmte Mensch*. (O Homem Inibido). Georg Theme Verlag. Stuttgart.
18. WINNICOTT, D.W. *Collected Papers*.
19. SPITZ, R. Desenvolvimento Emocional do Recém-nascido. *Biblioteca Brasileira de Psicanálise*, Rio de Janeiro, 1960.
20. NACHT, S. Von der Preobjektwelt in der Ubertraungsbesiehung. (Do Mundo Pré-Objetal na Relação Transferencial). *Psyche*, 1961.
21. HEIDEGGER, M. *Seln und Zeit*. HaJe, 1927.
22. ERIKSON, R. *Childhood and Society* W.W. Norton and Co. Inc. New York, 1963.
23. HUSSERL, E. *Ideen zu Einer Reinen Phenomologie und Phenomologischen Philosophie*. Vol. III Neyhoff Haag, 1950.